JESUS E A CULTURA DO SEU POVO

Carlos Mesters

1. Um problema que nos desafia

Hoje, no Brasil, muitas pessoas católicas freqüentam o candomblé. E o fazem com naturalidade, sem problema de consciência. Alguns criticam esta prática e dizem: "Como é que se pode ser católico e macumbeiro ao mesmo tempo? Isto é sincretismo! Mistura de religiões!" Mas o que é sincretismo? Nós, cristãos, temos muitos elementos da cultura e das antigas religiões da Europa na concepção da nossa doutrina, nas expressões da nossa liturgia e na organização do poder jerárquico e do direito canônico. Temos também muitos elementos do moderno racionalismo europeu que traz em si um certo complexo de superioridade de que nossa síntese cultural ou nossa civilização é simplesmente "a civilização" ou, ao menos, a civilização mais perfeita. Mas a cultura nascida no continente europeu não é melhor nem pior do que a cultura nascida no continente africano ou latino-americano.

Cada povo vive e expressa, a seu modo, dentro da sua cultura, o seu relacionamento com Deus. A experiência de Deus é uma semente profunda, universal, que palpita na raiz da humanidade. "Tu nos fizeste para Ti, e o nosso coração está irrequieto, enquanto não descansar em ti", dizia Santo Agostinho. Desta semente nasceram as árvores frondosas das religiões, árvores bonitas, seculares, revelando a riqueza daquilo que o ser humano vive ou pode viver no seu relacionamento com Deus. Nestas árvores, nem tudo está certo, nem tudo está errado. Consultado pelo outro Santo Agostinho, o da Inglaterra, a respeito de certas práticas religiosas pagãs do povo a ser evangelizado, o papa Gregório Magno respondeu nestes termos: "Não se preocupe! Anuncie a Boa-Nova. Folhas secas vão caindo na medida em que as novas vêm brotando. Faça brotar folhas novas pela chuva do Evangelho!"

O sincretismo que deve ser condenado é aquele que, em nome de Deus, oprime as pessoas e desumaniza a vida. Por exemplo, queima de pessoas pela inquisição, despacho feito nos terreiros contra as pessoas, batismo forçado dos negros nas praias do Brasil, manipulação da religião pelos poderes públicos, condenação sumária de pessoas ou instituições sem dar-lhes o direito de defesa, etc. Mas o costume, por exemplo, de colocar comida e flores nos túmulos é sincretismo? Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, o fazia, e o filho não a condenou. Pelo contrário! O Antigo Testamento está cheio de costumes deste tipo. Abraão, quando fez Aliança com Deus, matou bichos dentro de um rito próprio daqueles povos (Gn 15,7-20). E os costumes dos judeus do tempo de Jesus: costumes alimentares, as normas da pureza legal, a própria circuncisão: eram sincretismo? Jesus os observou! E o que dizer do culto do

carvalho praticado por alguns povos europeus, aceito e reconhecido pelos missionários irlandeses na época da evangelização da Europa?

A causa real do problema é outra. Vem de fora, da censura e da proibição. Durante muito tempo, o candomblé dos terreiros era um culto proibido e condenado. Participar do candomblé dava prisão! A religião dos negros era vista como coisa do diabo, coisa impura! No VIII Encontro Intereclesial, realizado em Santa Maria, diante da reação negativa de algumas pessoas contra a denúncia feita por Albérico, católico e pai-de-santo, uma negra dizia: "Vocês, cristãos brancos, não se esqueçam de que nós, cristãos negros, somos filhos da *outra*! E agora que estes seus filhos reclamam, vocês recusam a paternidade! Não repitam o erro de Judá" (cf. Gn 38,1-30).

A prática secular de tantos cristãos negros nos desafia e nos confronta com os nossos limites e com a nossa má consciência. O que fazer: continuar condenando ou tentar acolher criteriosamente para descobrir novos caminhos? Vamos olhar para a prática de Jesus.

2. Jesus e a cultura do seu tempo

Jesus foi um judeu fiel. Cresceu e se formou dentro da religião e da cultura do seu povo. A religião dos judeus do tempo de Jesus tinha muitos costumes alimentares e observâncias rituais, próprios daquela cultura, que eram vividos pelo povo como expressão da vontade de Deus. E, de fato, o eram *para eles*. Pois a fé em Deus só pode existir encarnada numa cultura determinada.

Ao longo dos séculos, todos estes costumes e observâncias tinham sido instrumentos providenciais para o povo manter a sua identidade e não se perder pelo caminho. Muitos judeus deram a vida para não transgredir, por exemplo, os preceitos do sábado (1Mc 2,29-38), da circuncisão (1Mc 1,60-61), de não comer carne de porco (2Mc 7,1). Muitos dos que assim morreram eram venerados como mártires. O livro dos Macabeus conserva a memória de alguns deles: do velho Eleazar (2Mc 6,18-31), da mãe dos Macabeus com seus sete filhos (2Mc 7,1-41). A lembrança destes e de outros mártires animou a fé de muitas gerações. Jesus mesmo, durante toda a sua vida, observou estes costumes e observâncias.

Jesus foi fiel à cultura do seu povo. Foi tão fiel a ponto de fazer com que os limites e os entraves desta cultura pudessem aparecer e estourar por dentro. E é por isso, por ele ter sido tão fiel à tradição e à cultura do *seu* povo, que a sua mensagem é tão *universal!* Pois, na raiz mais profunda e mais fiel de qualquer raça, cultura ou religião, existe a vida humana, o chão comum de todos os povos, onde Deus nos fala. O poço, de onde todos bebemos! A cultura, a tradição, é como um caminho que cada povo vai abrindo para chegar a este poço e matar sua sede. Jesus foi até à raiz. Ele queria que a tradição fosse novamente um canal aberto para o povo descobrir o sentido da vida humana. Ele ajudou o seu povo a ser mais *judeu*, mais fiel a si mesmo e, por isso mesmo, mais humano.

Mas pode acontecer que uma cultura se feche sobre si mesma e, em vez de revelar o caminho da vida, o esconda. Foi o que tinha acontecido no tempo de Jesus. Convivendo trinta anos em Nazaré, no interior da Galiléia, Jesus pôde perceber, por própria experiência e sofrimento, os limites e os entraves da cultura e da religião do seu povo que impediam a vida de desabrochar e de frutificar. Foi o que ele denunciou e criticou.

Na Galiléia do tempo de Jesus havia dois projetos em andamento, dois sistemas de vida contrários entre si: o projeto da religião do Templo e da Lei e o projeto helenizante do governo. Os dois interferiam na vida do povo, mas nenhum dos dois respondia aos anseios do povo. Didaticamente, em forma de dez pontos, colocaremos aqui os pontos essenciais de cada um destes dois projetos.

3. Os dois projetos ou sistemas dentro da Galiléia no tempo de Jesus:

O Projeto da religião do Templo e da Lei

1. O antigo desejo de ser Povo Eleito fez o seu retorno para dentro da Galiléia na época pós-exílica, através de uma lenta imigração de judeus, vindos do exílio e da Judéia.

2. O povo vivia dentro do sistema do clã que protegia os indivíduos e as famílias através da partilha, da lei do *go'êl* e da lei do levirado.

3. Nas sinagogas, que começavam a surgir em todo canto, havia escribas e sábios que ensinavam como viver de acordo com a lei de Deus.

4. O povo pagava os dízimos para o sustento do clero, para a manutenção do templo e do culto, e fazia suas romarias a Jerusalém para celebrar as festas e pagar as promessas.

5. Havia o grupo dos fariseus que insistia na observância da Lei de Deus e da tradição dos antigos, sobretudo da lei da pureza.

6. A insistência na pureza legal fez surgir grupos e tendências que pretendiam ser cada vez mais observantes que os outros e que, por isso mesmo, se combatiam e se excluíam mutuamente.

7. A insistência na lei da pureza e do sábado produziu muita gente marginalizada como pecadora e como impura.

8. Este projeto centrado em torno do Templo e da Lei se difundia sobretudo através da tradição familiar, das sinagogas, das festas e romarias, dos costumes alimentares e rituais.

9. A sua observância produziu uma consciência fortemente nacionalista sobretudo entre o povo do campo.

10. Na Galiléia no tempo de Jesus, o símbolo deste projeto ou ideal tradicional era sobretudo a cidade de Jerusalém, o seu templo e o seu sacerdócio.

O Projeto helenizante do Governo

1. O ideal helenista, divulgado através da *polis* desde os tempos de Alexandre Magno, fez a sua entrada maciça na Galiléia, sobretudo durante os Governos de Herodes Magno (37-4 aC) e de Herodes Antipas (4 aC a 39 dC), ambos muito fiéis a Roma.

2. Trouxe mudanças profundas na política agrária em favor do latifúndio que, aos poucos, foi desintegrando o sistema fundiário tribal anterior.

3. Trouxe consigo toda uma classe de funcionários que o implementavam e o executavam, dele dependiam e através dele se enriqueciam.

4. Trouxe consigo uma tributação maior sobre a classe camponesa e favorecia a classe dos funcionários.

5. Não tinha em si um mecanismo de defesa dos direitos lesados dos camponeses, que ficavam desprovidos de tudo.

6. Produziu exploração, desemprego, dívidas e empobrecimento, de que falam as parábolas de Jesus.

7. Produziu revolta e resistência por parte dos camponeses e, por isso mesmo, repressão e perseguição por parte dos romanos e de Herodes.

8. Usava a religião para legitimar-se diante do povo cooptando a liderança popular dos escribas e fariseus e tentava criar novos mitos, como a Pax Romana e o Imperador divinizado.

9. Divulgava-se na vida diária através do comércio, da moda, da arte, através do novo estilo da vida urbana.

10. Dentro da Galiléia do tempo de Jesus, o símbolo deste projeto eram as cidades de Tiberíades e Séforis. Ao redor da Galiléia havia mais de uma dezena de tais cidades helenistas.

4. A mentalidade mais aberta do povo da Galiléia

O povo judeu da Galiléia tinha uma maneira diferente, própria, de conviver com os não judeus. A Galiléia estava cercada de cidades helenistas, todas elas grandes centros comerciais: Damasco, Tiro, Sidônia, Cesaréia, Samaria e a Decápole, uma região com dez cidades. Os judeus da Galiléia tinham mais contato com os pagãos do que os da Judéia no Sul. Os do Sul achavam que o povo da Galiléia era relaxado. Pois convivia com os pagãos. Tinham até dado um apelido: "Galiléia dos pagãos" (Is 8,23; Mt 4,15). A palavra "Galiléia" significa "distrito". *Distrito dos Pagãos!*

Na época de Jesus, o povo da Galiléia já tinha uma convivência de mais de 700 anos com os outros povos, o que não é pouco. Em 734 antes de Cristo, a Galiléia foi ocupada pela Assíria e muitos dos seus habitantes foram levados para o cativeiro (2Rs 15,29). Doze anos depois, em 722, quando houve a destruição de Samaria e o cativeiro do seu povo, outros povos foram colocados naquela região. Foi desta mistura que

surgiram os samaritanos (2Rs 17,24-28). Por isso, os judeus do Sul confundiam galileu com samaritano. Chamavam Jesus de samaritano (Jo 8,48).

Esta longa convivência com povos não judeus trouxe uma experiência importante para os habitantes da Galiléia. Eles eram mais abertos, mais ecumênicos que os judeus do Sul. Por exemplo, Jesus entra e sai da Galiléia para as regiões de Tiro e Sidônia (Mc 7,24.31), da Decápole (Mc 5,1.20; 7,31) e de Cesaréia de Filipe (Mc 8,27). Para ir até Jerusalém, ele passa pela Samaria (Lc 17,11). Andando por esses lugares todos, ele conversa com o povo (Mc 7,24-29; Jo 4,4), o que era proibido. Com a mesma naturalidade, o povo daquelas regiões andava pela Galiléia e era aceito pelo povo de lá (Mc 3,7-8). Os anciãos de Cafarnaum chegaram a interceder junto a Jesus por um estrangeiro, cujo empregado estava doente (Lc 7,4-5). A arqueologia comprova esta mistura do povo da Galiléia com os não judeus. Porém, apesar de conviver com os gentios e de ter esta abertura, o povo da Galiléia não perdeu a própria identidade. Não abria mão da sua fé, dos seus costumes, da sua religião. Jesus conversa com a samaritana, mas ao mesmo tempo lhe diz: "A salvação vem dos judeus" (Jo 4,22).

A convivência com os pagãos e o sentimento de liberdade do povo galileu eram fonte de conflito com as autoridades de Jerusalém. O Sul sempre tentou dominar o Norte, desde os tempos de Davi. Assim, no tempo de João Hircano (134 a 104 antes de Cristo), muitos judeus do Sul migraram para a Galiléia a fim de levar para lá sua fé e suas observâncias. A liderança religiosa de Jerusalém achava que o povo da Galiléia era ignorante, que não conhecia a lei (Jo 7,49). Identificava-o com os samaritanos (Jo 8,48). E de fato, os galileus, na sua liberdade, mantinham uma certa afinidade com os samaritanos. Basta ver Jesus. Muitas vezes, ele acolhe os samaritanos e os coloca como exemplo (Jo 4,7-42; Lc 17,11.16; 9,51-55; 10,29-37). Por isso, de Jerusalém vinham escribas para controlar a situação e ensinar o caminho certo ao povo (Mc 3,22; 7,1). Um processo parecido com o que aconteceu quando da "*romanização*", no caso da nossa Igreja Católica Romana, ou quando da missão religiosa anglo-saxônica, no caso das Igrejas Protestantes e Anglicanas! E, pelo que parece, conseguiram fazer a cabeça de muita gente, pois Jesus ficou bravo e dizia a eles: "Vocês não deixam o povo entrar no Reino!" (Mt 23,13). Por tudo isso, havia uma tensão entre o Norte e o Sul. Porém, apesar de toda esta tensão, o povo da Galiléia continuava freqüentando o templo de Jerusalém, fazendo suas romarias, para pagar suas promessas e obrigações (Lc 2,22-24; 2,41).

Foi neste ambiente mais aberto da Galiléia que Jesus aprendeu a conviver com os *outros* e a reconhecer neles o valor e a fé (Mt 8,10; 15,28). Vejamos algumas atitudes de Jesus que revelam a sua abertura ecumênica.

5. Três coisas que chamam a atenção na prática de Jesus

5.1. A acolhida dada aos excluídos e marginalizados

O que chama a atenção na prática de Jesus é a sua ternura e o amor acolhedor para com os pobres e excluídos do seu tempo, sobretudo para com os samaritanos. Os

doutores, os fariseus e os sacerdotes da época ensinavam que os samaritanos não prestavam, que eles tinham o demônio e que eram pecadores. O próprio Jesus foi acusado por eles: "Você é um samaritano e tem o demônio!" (Jo 8,48). O povo dos terreiros do Candomblé é hoje, para muitos de nós cristãos, o que os samaritanos eram para os judeus no tempo de Jesus. Durante séculos, aqui no Brasil, o culto vindo da África foi demonizado e satanizado. Até hoje, muita gente diz: "É coisa do demônio!" Qualquer contato com o culto afro sempre foi condenado como pecado.

Jesus faz o contrário. Na parábola do Bom Samaritano, ele coloca um samaritano como exemplo para o sacerdote e o levita (Lc 10,29-37). Em vez de evitar o território "impuro" dos samaritanos, como os judeus observantes faziam naquela época, Jesus entra nas cidades e povoados da Samaria, mesmo sem ser bem recebido (Lc 9,52-53; Jo 4,4-5), e os samaritanos o reconhecem e lhe agradecem (Lc 17,15-16). Jesus puxa conversa com a mulher samaritana, o que era proibido pelos costumes da época (Jo 4,7). E conversando com ela, não a condenou. Pelo contrário, foi a esta mulher da Samaria que ele, por primeiro, se revelou como o Messias (Jo 4,25-26). Na conversa com a Samaritana, Jesus colocou os pontos nos ii (Jo 4,21-22), mas não disse que ela devia abandonar a sua religião. Ele chegou a conviver dois dias com os samaritanos e eles reconheceram em Jesus o Messias que veio realizar a esperança do povo samaritano (Jo 4,40).

Jesus foi mais longe ainda. O Evangelho de João fala da visita que Jesus fez à piscina de cinco pórticos, onde curou um homem, doente havia trinta e oito anos (Jo 5,1-9). Recentemente, os arqueólogos descobriram naquele lugar um balneário público, onde eram veneradas as divindades da religião popular da época, vindas da Grécia e de Roma. Era lá que os pobres, os coxos, os cegos, os doentes, os excluídos se amontoavam na esperança de obter algum benefício (Jo 5,3). Foi lá que Jesus entrou para se encontrar com eles!

Jesus convivia e comia com pecadores e publicanos (Mc 2,15-16; Lc 5,30) e chegou a dizer aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos: "Prostitutas e pecadores entram no céu antes de vocês" (Mt 21,31; cf. 21,23). Certa vez, quando estava jantando na casa de Simão, um fariseu, defendeu uma pecadora contra o próprio dono da casa que o acolhia (Lc 7,44-50). Jesus tocava em pessoas impuras, abraçava as crianças, chamava mulheres para segui-lo, participava das festas de casamento, comia e bebia a ponto de ser caluniado como comilão e beberrão (Lc 7,34). A conversão que ele pedia das pessoas não vinha de uma imposição ou de uma condenação, nem de uma ameaça ou de uma advertência autoritária, mas nascia de dentro das próprias pessoas, tocadas por este acolhimento carinhoso e amoroso e por este respeito tão profundo que Jesus tinha e continua tendo pelas pessoas, sobretudo pelas marginalizadas e excluídas.

5.2. O anúncio de um novo ano jubilar

Na época de Jesus, em nome da fidelidade às leis religiosas e à tradição dos antigos, muitas pessoas eram excluídas e desprezadas. Viviam marginalizadas, separadas da convivência com o povo de Deus: leprosos, doentes, samaritanos, publicanos, pobres, pagãos, mulheres, crianças, tantos! A religião, do jeito que era organizada e vivida, impedia de perceber as sementes do Reino presentes nestes grupos da população. Hoje, a maneira como nós cristãos vivemos a religião, muitas vezes, nos impede de perceber "as sementes do Verbo", os sinais do Reino, presentes, por exemplo, na religião afro, nos terreiros, no movimento dos Sem-Terra, no movimento pela cidadania, nas organizações de bairro, nas mães solteiras, nas pessoas e nas igrejas que nós chamamos de "crentes" e em tantas pessoas não praticantes ou não cristãs que, muitas vezes, vivem melhor do que nós a fraternidade e a justiça que Jesus nos pede.

Diante desta incapacidade da religião do seu tempo de revelar a Boa-Nova de Deus, Jesus o que fez? Na sinagoga de Nazaré, a terra onde tinha sido criado, proclamou um novo *Jubileu*, "um ano de graça da parte do Senhor" (Lc 4,18-19). Na Bíblia, o jubileu é, antes de tudo, uma oportunidade para fazer uma revisão de vida, para corrigir os erros, restabelecer os direitos pisados dos pobres, reintegrar os excluídos, voltar às origens do povo, retificar o rumo e começar tudo de novo, bem mais humilde, menos triunfante. Assim, a celebração do jubileu do ano 2000 deveria ser uma oportunidade para rever nossa caminhada de 500 anos, aprender dos muitos erros cometidos, sobretudo na evangelização dos negros e dos índios, e aprender de Jesus como anunciar a Boa-Nova de Deus aos pobres, como revelar as sementes do Reino existentes no meio do povo.

Jesus acolheu a cananéia que era de outra raça e religião e aprendeu dela (Mt 15,21-28). Chegou a dizer que a fé de um pagão era maior que a fé do povo de Israel: "Nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé" (Lc 7,9). Pelas parábolas ele ajudava o povo a refletir sobre as coisas da vida e a descobrir nelas os sinais do Reino. Pelas suas conversas e ações, despertava no povo uma força adormecida que o próprio povo não conhecia. Jesus fez a semente do Reino desabrochar e florescer em formas de vida nova. Fez com que a Boa-Nova de Deus chegasse novamente aos excluídos.

5.3. A missão dada aos discípulos e às discípulas

Naquele tempo havia vários movimentos que procuravam uma nova maneira de viver e conviver: essênios, fariseus e, mais tarde, os zelotes. Muitos deles formavam comunidades de discípulos e tinham os seus missionários (Mt 23,15). Quando estes iam em missão, iam prevenidos. Levavam sacola e dinheiro para cuidar da sua própria comida. Não podiam confiar na comida do povo, pois esta nem sempre era ritualmente "pura". As normas da pureza legal dificultavam e até impediam a partilha e a hospitalidade.

Ao contrário dos outros missionários, os discípulos e as discípulas de Jesus, quando iam em missão, não podiam levar nada a não ser a Paz: nem bolsa, nem sacola, nem ouro, nem prata, nem cobre, nem bastão, nem sandálias, nem sequer duas túnicas. Deviam ficar hospedados na primeira casa em que fossem acolhidos em paz. Deviam

comer o que o povo oferecia. Não podiam andar de casa em casa, mas deviam conviver de maneira estável e, em troca, receberiam sustento, "pois o operário merece o seu salário". Como tarefa especial deviam cuidar dos excluídos: doentes, possessos, leprosos. Caso todas estas exigências fossem preenchidas, poderiam gritar: "O Reino chegou!" (cf. Lc 10,1-12; 9,1-6; Mc 6,7-13; Mt 10,6-16).

Estes conselhos de Jesus implicam no seguinte: se o missionário ou a missionária vai sem nada, levando apenas a Paz, é porque deve confiar na *hospitalidade* do povo. Deve acreditar que vai ser recebido em paz. Se não pode levar sua própria comida, é porque deve comer o que o povo lhe oferece. Deve aceitar a *comunhão de mesa* e não pode ter medo de perder a pureza legal no contato com o povo. Se não pode andar de casa em casa, é porque deve integrar-se de maneira estável na vida e no trabalho da comunidade local e confiar que o povo partilhe com ele casa e comida. Deve confiar na *partilha*. Se deve tratar dos doentes, curar os leprosos, expulsar os demônios (Lc 10,9; Mt 10,8), é porque é convidado a assumir a função de *go'êl* (defensor, advogado, libertador) e a acolher para dentro da comunidade os que dela vivem excluídos.

Com esta prática Jesus e seus discípulos e discípulas reforçavam os elementos básicos da vida comunitária, do clã, a saber, a *partilha*, a *comunhão de mesa*, a *hospitalidade* e a função do *go'êl*. O objetivo principal da missão não era, em primeiro lugar, anunciar uma nova doutrina, mas sim testemunhar uma nova maneira de viver e de conviver. Deviam recriar e reforçar a comunidade local, o clã, a "casa", para que esta pudesse ser novamente uma expressão do *Reino*, expressão do amor de Deus como Pai que faz de todos irmãos e irmãs. Quando isto acontecia, Jesus ficava feliz e rezava ao Pai: "Pai, eu te louvo porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado" (Mt 11,25).

Com outras palavras, o *Reino* começa a existir quando as pessoas, despertadas pela mensagem de Jesus, acolhem os outros e partilham com eles aquilo que possuem, quando fazem isto por sermos todos criaturas e filhos de Deus, irmãos e irmãs uns dos outros. Muita gente, muitos povos já vivem assim, sem saber que isto é o Reino. O anúncio da Boa-Nova de Jesus consiste em tirar o véu e *revelar* que o Reino já está presente em muitos aspectos da vida que estão vivendo (Lc 17,21). Muitas tribos indígenas da América viviam assim, até bem melhor do que os próprios europeus cristãos que aqui chegavam a partir do dia 12 de outubro de 1492.

6. Um fato da nossa história

No início da evangelização da América Latina há um fato muito significativo que não pode ser esquecido na revisão a ser feita por ocasião da chegada do novo milênio e dos 500 anos da vinda dos portugueses. Desde o início da vinda dos europeus, houve várias tentativas para ligar a origem dos povos indígenas das Américas com as tribos de Israel. Para alguns, os povos indígenas seriam descendentes das dez tribos de Israel que foram levadas para o cativeiro pelos assírios no ano 722

antes de Cristo (cf. 2Rs 17,6)[1]. Outros diziam que se tratava da tribo de Dã, pois na lista das tribos de Israel que aparece no Apocalipse de João (Ap 7,4-8) está faltando a tribo de Dã. Esta ausência da tribo de Dã sempre foi notada e, ao longo dos séculos, apareceram várias explicações. Uma delas foi dada por alguns missionários que vieram para cá no início do século XVI. Ao encontrarem as tribos indígenas deste Continente, disseram: "Encontramos a tribo perdida de Dã!"[2]

A intuição de fé que está por trás destas tentativas é muito importante, a saber: os povos indígenas da América Latina já estavam integrados no projeto de Deus, antes mesmo da vinda dos europeus! As sementes do Reino já estavam aqui. O apóstolo Paulo fez o mesmo quando chegou a Atenas. Descobriu e revelou as sementes do Reino presentes na devoção popular ao "Deus desconhecido" (At 17,23) e nas reflexões dos filósofos gregos (At 17,28). Ele imitava Jesus que dizia aos judeus: "O Reino de Deus está no meio de vós!" (Lc 17,21).

7. Voltando ao problema que nos desafia

Isto não quer dizer que tudo que se faz no Candomblé é coisa boa. Não! Também entre eles como entre nós, há coisas erradas e imperfeitas. Há doutrinas que nós cristãos não podemos aceitar. Mas nem sempre doutrina imperfeita é sinal de falta de fé. Pode haver gente com doutrina perfeita mas com fé imperfeita, e vice-versa. Bartimeu, o cego de Jericó, tinha uma doutrina imperfeita na cabeça, pois invocou Jesus sob o título de "Filho de Davi" (Mc 10,47). Jesus não gostava deste título (Mc 12,37). Mas Bartimeu tinha uma fé perfeita, pois, quando Jesus disse: "A tua fé te curou!", ele acabou enxergando (Mc 10,52). Pedro, ao contrário, aceitava Jesus como Messias (Mc 8,29). Tinha a doutrina perfeita, mas a sua fé ainda não era perfeita. Teve que ouvir de Jesus: "Vai embora, Satanás!" (Mc 8,32-33). Hoje, muitas pessoas, homens e mulheres do povo, têm idéias imperfeitas ou deficientes a respeito de Deus, de Jesus, do Espírito Santo. Porém, apesar desta deficiência na doutrina, sua fé é perfeita. Jesus diria: "Nunca encontrei tamanha fé em Israel!" (Mt 8,10; Lc 7,9).

Como ler os sinais dos tempos! Pois não se trata de uma prática popular qualquer. Trata-se de milhões de negros e negras fazendo questão de serem católicos e católicas e, ao mesmo tempo, de continuarem na prática religiosa de seus pais que, durante séculos, foi a força a sustentá-los para não perder sua identidade. Trata-se do resultado da primeira evangelização, feita "na marra", nas praias do Brasil, quando da chegada dos navios negreiros. Trata-se de pessoas que são o resultado do "adultério" dos brancos que, ao longo da história, fizeram nascer a raça mestiça. Vale a pena lembrar

1. Miguel NORBERT UBARRI. *Comparación de los mitos cosmogónicos del Génesis y del Popol Vuh.* Puerto Rico: 1991, p. 6-28. Texto datilografado da tese defendida pelo autor e aprovada na Universidade de Porto Rico. Ele traz uma longa relação das insistentes tentativas, feitas no decorrer dos 500 anos de evangelização, para ligar os povos indígenas com as tribos de Israel.

2. *Ibid.*, p. 20-22.

a frase da negra: "Vocês, cristãos brancos, não se esqueçam de que nós, cristãos negros, somos filhos da outra!' E agora que estes seus filhos reclamam, vocês recusam a paternidade! Não repitam o erro de Judá!" (cf. Gn 38,1-30).

Por tudo isso, fica a pergunta: "O que Jesus faria se vivesse hoje entre nós, aqui no Brasil?" Visitaria os terreiros? O que sabemos é que, andando pela Galiléia e vendo as coisas boas do povo, ele agradecia e louvava o Pai (Mt 11,25-26). A parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37), a parábola do Fariseu e do Publicano (Lc 18,9-14), a resposta a João: "Quem não é contra vós é a vosso favor" (Lc 9,49-50), a cura do paralítico na piscina de cinco pórticos em Jerusalém (Jo 9,1-5), ... tudo isso deve ter provocado muita discussão no meio do povo daquele tempo. Pedro, diante da visão da toalha cheia de animais puros e impuros, pensando ser fiel à lei de Deus, disse: "Jamais comi algo impuro!" Ele teve que ouvir por três vezes: "Pedro, não chame de impuro o que Deus declarou puro!" (At 10,13-16). E diante do impasse se batizava ou não Cornélio, o Espírito Santo se antecipou e Pedro, forçado pelos fatos, foi obrigado a batizar o pagão (At 10,44-48)!

Não se trata de um problema só de teólogos. Pelo contrário! O problema é vivido de maneira abafada por milhões de pessoas. E aqueles que vivem o problema têm experiências e intuições que podem ajudar na solução do mesmo. Talvez, os pequenos até já tenham percebido aquilo que nós, os sábios, por falta de consulta, ainda não percebemos! Seria um motivo a mais para Jesus agradecer ao Pai (Mt 11,25-26).

Frei Carlos Mesters
C.P. 64
23900-000 Angra dos Reis, RJ
Tel. (0243)65-0213